

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
MONOGRAFIA II

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE: O MOMENTO DA ALFABETIZAÇÃO SOB UM
ENFOQUE CONSTRUTIVISTA

POR: MARIA DE FÁTIMA ROCHA

RIO,
1994/2

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
MONOGRAFIA II

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE: O MOMENTO DA ALFABETIZAÇÃO SOB UM
ENFOQUE CONSTRUTIVISTA

TRABALHO REALIZADO EM CUMPRIMENTO ÀS
EXIGÊNCIAS DA DISCIPLINA ACADÊMICA
MONOGRAFIA II - 8º PERÍODO DO CURSO
DE PEDAGOGIA.

POR: MARIA DE FÁTIMA ROCHA

RIO,

1994/2

DEDICATÓRIA

- 1 - A Deus, por permitir-me iniciar e concluir este curso.
- 2 - Aos meus pais (sem palavras).
- 3 - Aos meus irmãos: Júnior, Cata, Tina, Tuca, Weber e Regina.
- 4 - À sofrida América Latina por seus não sei quantos milhões de analfabetos.

AGRADECIMENTOS

- 1 - Às irmãs e amigas do Grupo de Intercessão da RCC, pelo seu apoio no momento mais difícil dessa caminhada - o início.
- 2 - Aos irmãos do Grupo de Oração Amigos de Cristo, por suas orações.
- 3 - Às professoras: Tunica, Valéria Wilke e Anna Rosemberg por tudo o que são e fazem.
- 4 - Ao meu noivo, por sua presença e companheirismo ao longo deste curso.

RESUMO

O presente estudo propõe uma reflexão sobre a Proposta Construtivista, Teoria elaborada e comprovada por Emília Ferreiro que vem redimensionar o processo de alfabetização, transformando-o em uma prática humanizadora

ABSTRACT

The present essay is a reflexion on Constructivist Proposition, theory both elaborated and proved by Emília Ferreiro, which intends to re-demension the alphabetizing prouss by transfouming it into humanizing pratice

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

- CAPÍTULO I - O significado da escrita e a alfabetização
- CAPÍTULO II - Proposta Construtivista - A Alfabetização como construção
- CAPÍTULO III - Em cena o Educando
- CAPÍTULO IV - Em cena o Educador
- CAPÍTULO V - Em cena a Escola

CONCLUSÃO

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE -- O MOMENTO DA ALFABETIZAÇÃO SOB UM ENFOQUE CONSTRU-
TIVISTA

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE - O MOMENTO DA ALFABETIZAÇÃO SOB UM ENFOQUE CONSTRU-
TIVISTA

INTRODUÇÃO

Uma reflexão sobre a alfabetização precisamente constitui uma reflexão sobre o homem: sua relação com o objeto de estudo desse momento de escolarização (a língua escrita); as relações que permeiam todo o processo dessa aprendizagem (sejam elas de dominação ou de cooperação); as implicações do domínio ou não desse conhecimento em sua formação. Enfim, é impossível refletir sobre alfabetização sem misturar, fundir, mesclar a esta reflexão a discussão sobre a formação do ser humano. Jean Piaget ao investigar sobre o domínio cognitivo, propunha a si próprio e aos seus "ouvintes" a seguinte questão: Que tipo de homem queremos formar? Dizia ele que, da resposta a este questionamento é que brotariam os procedimentos educacionais imputados ao educando. Queremos formar um ser pronto a obedecer? "Adestrado"? Então, jamais lhe devemos ensinar as palavras: Porquê? Para que? Jamais permitir-lhe expressar seus anseios, suas opiniões. Queremos formar um ser egoísta e mesquinho? Então, jamais devemos ensinar-lhe as palavras: solidariedade, respeito, compreensão. Queremos formar um ser criativo, participativo? Então, por favor, não tolhamos a sua liberdade de expressão, permita-mos-lhe pronunciar: Por quê? Para que? Como?

Podemos concluir que, o homem como ser social que é deve ser formado ao longo de sua existência. Ele não nasce pronto, acabado. As várias vivências humanas são essenciais na sua formação. Uma delas, a educação institucionalizada (aquela em que, instituições particulares ou públicas incumbem-se de transmitir a herança cultural acumulada ao longo dos anos), sem dúvida, é uma dimensão da educação humana não neutra, mas política (como toda ação humana) e não se limita ape-

nas a transmitir essa herança cultural, mas sua influência transcende a esses li mites; atinge e compromete a formação do homem em toda sua complexidade.

Assim, a educação quando calcada em princípios de autoritarismo, alie nação e sanção contribui para que o homem não seja "feitor" de sua própria histó ria, mas viva escravo de outrens, limitado e limitando. Mas, uma educação, que permita a crítica, que não limite a criatividade, que conscientize ao invés de alienar, contribui para a libertação daquele ser que se encontra em processo de formação.

Logo no início desse processo educacional, ei-la: a alfabetização. Ela tem se transformado no grande divisor de águas. Neste momento é que se definem os que poderão prosseguir ou os que continuarão à margem, (normalmente a parcela mais empobrecida da população). Ela é o princípio da autonomia; segundo Emília Ferreiro:

"Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta".

Numa sociedade letrada como a nossa, ou melhor, não somente letrada, mas que prio riza a linguagem escrita, transformando-a em um instrumento de poder em detrimen to das demais formas de expressão humana; os que conseguem passar por ela, podem, deslanchar, colocarem-se em busca, conhecerem por si próprios. Como afirma o autor de Fala Maria Favela:

"Na verdade, o sistema teme o poder de criação do homem, o poder de criar linguagem - quer impedi-lo de se dominar, quer dizer, de dominar as várias linguagens e portanto tornar-se forte e livre".

Entendendo a alfabetização como momento crucial da vida da criança (não somente do aspecto acadêmico), Emília Ferreiro fundamentada nas teorias de Jean Piaget vem redimensionar o processo de aquisição da língua escrita. Interes sada na formação de um ser livre compreende que, mais do que aprender a soletrar e transcrever letrinhas, a criança deverá ser capaz de "aprender a aprender", to mar gosto pelo estudo; aproveitando-o como uma oportunidade de libertação, à medida em que vá desvelando, através da aquisição de novos conhecimentos, o mundo

que a cerca. Compreende que, a alfabetização deva acontecer num contexto que propicie essa libertação e não a dominação. Num contexto em que o educador perceba o ser que se encontra a seu lado. Não pronto ainda não carecendo apenas de aprender a soletrar letras, mas apto a aprender a ter autonomia sobre si, a ser participante e atuante na vida social.

Para tanto, Emília Ferreiro propõe a teoria construtivista interpretando que:

a) A língua escrita deve ser dessacralizada. A escrita transformou-se em um objeto apenas para ser contemplado e reproduzido fielmente; não é percebida como um objeto sobre o qual se possa atuar livremente segundo Antonio Leal:

"A escrita, o gráfico são formas de representação primordiais, antigas, que o homem deve resgatar, não como código estereotipado, já feito e acabado, mas como sopro, como verbo, como criação e como trabalho das mãos".

b) "A criança constrói/reconstrói o conhecimento acumulado pela humanidade através de um processo interacionista, com os seus pares e o objeto de conhecimento e, na construção do conhecimento acerca da escrita, passa por diversos níveis que devem ser respeitados e valorizados".

c) O professor deverá estar bem interado do seu papel. Ele será o interlocutor dos alunos. Deverá possibilitar-lhes aprenderem a ler e a escrever, que difere essencialmente de ensinar-lhes a ler e a escrever. Por ser portador de um conhecimento socialmente valorizado, tem o compromisso de colocá-lo ao alcance de todos.

d) A escola tem que repensar sua prática alfabetizadora. Até aqui os métodos e técnicas oferecidos, apegados a uma Pedagogia de memorização, mecanização, cópia reiterada, tem transformado a alfabetização em um processo seletivo, discriminador e traumático para educandos e educadores. Conforme indaga Ana Teberosky:

"Como e o que a escola tem ensinado para que um encerme contingente de crianças não aprenda a ler e a escrever na escola?"

Nessa proposta construtivista de alfabetização educandos e educadores

irão desfrutar de um novo convívio com a língua escrita. O educador será capaz de perceber os diferentes níveis de aprendizagem em que se encontram seus alunos e possibilitar-lhes, assim, a construção livre do conhecimento acerca da escrita. Esse processo culminará, como tem demonstrado a prática, na formação de um indivíduo mais participativo, consciente de seu papel no grupo social, portanto, livre para exercer sua cidadania.

CAPÍTULO I

O SIGNIFICADO DA ESCRITA É A ALFABETIZAÇÃO

Atualmente a comunicação escrita é imperativa na nossa vida diária, jornais, revistas, contratos, receituários médicos, leis, etc. Estamos imersos num mundo de letras, palavras, frases. Desde o rótulo do creme dental até o mais elaborado livro técnico presenciamos a linguagem escrita. Segundo dados: quase um milhão de títulos diferentes são publicados anualmente pelo mundo. Este tipo de linguagem transformou-se em um cruel instrumento de poder nas mãos das classes dominantes (que supõem serem os "donos" desse saber). É visível: as classes menos favorecidas são as que, frequentemente, se encontram em situação de analfabetismo, repetência e evasão escolar. Será possível imaginar o grau de discriminação e marginalização em que vivem os que não detêm o conhecimento da escrita (nessa sociedade letrada)? Por mais que nos esforcemos, não podemos alcançar, em plenitude, as consequências da ignorância desse saber: complexos de inferioridade, baixa estima, alienação, não participação integral na vida social, medo na luta pelos direitos.

A humanidade, de tal modo, compreendeu o que significou a invenção da escrita que dividiu sua trajetória em Pré-História (antes da escrita e História (depois da escrita).

É imprescindível, pois, que saibamos quais os caminhos que a escrita percorreu, desde sua criação, para identificarmos quais etapas passou até atingir a fase atual - alfabética. As crianças reconstroem essas mesmas etapas quando em contato com a escrita. Resumidamente seriam: escritas pictográficas; escritas ideó

gráficas; escritas silábicas e alfabéticas.

As escritas pictográficas correspondem às antigas pinturas de caráter de decorativo e místico encontradas no interior das cavernas. Inicialmente tentavam reproduzir realisticamente objetos e pessoas, posteriormente, assumem o caráter de símbolos. Mesmo em caráter simbólico a relação entre o escrito e o objeto é direta. Assim, só era possível representar o que se podia desenhar.

Nas escritas ideográficas a relação entre escrita e objeto era convencional necessitando de interpretação. Os ideogramas representavam noções, objetos e quando combinados podiam formar uma terceira idéia. Mas, basicamente a relação da escrita como representação do objeto se mantem.

A escrita em sua evolução, antes de atingir a fase atual (alfabética) , passou por períodos intermediários entre o ideográfico e o fonético. Como por exemplo, a antiga escrita egípcia que combinava ideogramas com a representação somente das consoantes.

A partir da confecção de um alfabeto (que considera vogais e consoantes) foi possível a escrita chegar à fase alfabética, onde, o sistema de representação , desvincula-se do objeto real e liga-se à fala.

Vários séculos se passaram e a linguagem escrita ao desenvolver suas próprias características deixa de ser um fiel registro da modalidade oral. Até porque a relação entre sons e sinais é imperfeita. Por exemplo, a letra S representa, dependendo da posição, diferentes sons como em saco e casa. O código escrito procura reproduzir as falas, mas a linguagem escrita não é simples transcrição do que se diz. São duas formas diferentes de se usar a língua.

Assim, a escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou, simplesmente, como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras, ou seja, de reprodução da fala. A maneira de encarar a escrita determinará os procedimentos educacionais a serem adotados na alfabetização.

A escola (como instituição) apropriou-se da escrita esquecendo-se de que ela é um objeto cultural produzido pelo esforço coletivo da humanidade. Transmudou a escrita de objeto social para exclusivamente escolar; propondo-a como algo imutável, um objeto em "si" quase sacralizado, mero código de transcrição gráfica.

fica; não como uma prática histórica, não como um poderoso instrumento nas ações sociais.

Ao encarar a escrita como mero código de transcrição gráfica, a escola exige do educando respeito cego diante desse objeto. Que se transformou em um objeto de contemplação e não de ação. Assim, os métodos e técnicas para o ensino da escrita limitam-se aos seus aspectos formais, reduzindo-a a um objeto de natureza exclusivamente gráfica, colocando em primeiro plano a discriminação perceptiva das modalidades visual e auditiva. Como diria Emília Ferreiro:

"O respeito pela forma se põe adiante de qualquer intenção de interpretar o conteúdo".

A alfabetização que se tem é aquela que enfatiza exclusivamente a cópia, anulando qualquer tipo de compreensão, por parte da criança, desvinculando a escrita do contexto infantil. Alfabetização para a cópia, a reprodução, a mecanização e não para a liberdade, a compreensão, a recriação. Uma vez que se está interessada apenas na qualidade dos traços, na distribuição das formas, na orientação (esquerda para direita), etc. Uma alfabetização que exige, pois, uma série de habilidades específicas do educando. "Prontidão" e "maturidade" para esta aprendizagem. Antes de se possuir essas habilidades específicas não é possível aprender/ensinar a ler e a escrever.

"As práticas convencionais levam, todavia a que a expressão escrita se confunde com a possibilidade de repetir fórmulas estereotipadas, a que se pratique uma escrita fora do contexto, sem nenhuma função comunicativa real e nem sequer com a função de preservar informação" (Emília Ferreiro).

Urge uma alfabetização que perceba a escrita como representação da linguagem e não como mero código de transcrição. Que se afine com os aspectos construtivos e não aos gráficos. Esses aspectos construtivos:

"Têm a ver com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações... A escrita é antes de tudo representação da linguagem e tudo o que a afasta da linguagem, convertendo-a em uma sequência gráfica sem significado, a deforma até caricaturizá-la" (Emília Ferreiro).

Uma alfabetização que compreenda que a escrita, por ser objeto construído pelo homem, precisa adquirir significado, função para ele. É imprescindível que a alfabetização demonstre, na prática, a funcionalidade da escrita; que não seja compreendida como simples meio para promoção ao ano escolar seguinte nem tampouco como algo que servirá apenas para quando a criança crescer. Mas que tenha significado aqui e agora na vida da criança. Uma alfabetização que descarte os rótulos da "prontidão" e da "maturidade" para a aprendizagem da escrita, mas que compreenda que o educando está apto a aprender a ler e a escrever, uma vez que, esse conhecimento sobre a leitura e a escrita começa muito antes da escolarização.

Uma alfabetização que propicie a vivência e a convivência em atos de leitura e escrita, em situações reais de uso para que se perceba a escrita como importante, se deseje pensar sobre ela na tentativa de usá-la.

Uma alfabetização nestes moldes, precisamente corresponde a uma proposta de alfabetização construtivista.

A seguir, duas poesias: de Zuleika Reis e José Paulo Paes que traduzem, respectivamente, a visão da escrita como mero código de transcrição, portanto, uma visão das práticas convencionais; e a visão da escrita como representação da linguagem, portanto, uma visão construtivista:

A OUTRA LIÇÃO

A palavra bola
 Pulou tanto
 Que quebrou a vidraça
 Da sala de aula.

O professor disse:
 - Menino ...
 Palavra não é brinquedo.
 Daqui prá frente
 Seja mais disciplinado.

O menino
 Guardou a palavra bola

No caderno de caligrafia
E aprendeu que poesia
É um brinquedo perigoso"

CONVITE

"Poesia

É brincar com palavras
Como se brinca
com bola, papagaio, pião

Só que

Bola, papagaio, pião

De tanto brincar

Se gastam.

As palavras não:

Quanto mais se brinca

com elas

mais novas ficam.

Como água do rio

Que é água sempre nova.

Como cada dia

Que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

CAPÍTULO II

PROPOSTA CONSTRUTIVISTA - A ALFABETIZAÇÃO COMO CONSTRUÇÃO

O construtivismo não é um método de ensino, mas uma teoria também conhecida como psicogênese da língua escrita.

Apoiada em uma epistemologia genética piagetiana, Emília Ferreiro investiga a alfabetização não de uma visão simplista, como presenciamos até aqui, mas embasando em uma visão multidisciplinar, onde linguistas, historiadores, antropólogos, psicólogos, sociólogos e educadores deslocam as investigações, nesse campo, do "como se ensina" para "o que se aprende".

Piaget compreendeu e comprovou que a criança possui uma lógica mental própria diferente da do adulto. Essa lógica deve ser interpretada e valorizada pelo educador. O desenvolvimento infantil se dá como um processo contínuo de equilibrações sucessivas, onde o organismo e o meio influenciam a construção do conhecimento. Assim, identificou quatro itens que, segundo ele, seriam os responsáveis pelo desenvolvimento mental da criança:

- a) **Maturação do Sistema Nervoso**
- b) **Ambiente Físico** - Refere-se à qualidade de contato da criança com o meio. A manipulação é o instrumento primordial de compreensão.
- c) **Ambiente Social** - Refere-se à interação com outros indivíduos levando à cooperação e colaboração e não à concorrência.
- d) **Equilibrações Progressivas** - Refere-se aos processos contínuos de assimilação e associações cada vez mais equilibradas, onde o in-

divíduo constrói suas noções do mundo.

Respeitando esses quatro elementos (maturação do sistema nervoso, ambiente físico, ambiente social e equilibrações progressivas), a teoria construtivista formula que: a criança constrói seu próprio processo de leitura e escrita, através de uma lógica individual e da interação com o grupo, passando por etapas de avanços e recuos. O tempo para se transpor cada etapa é bastante variável e deve ser respeitado ao longo do processo; a sala de aula deve ser transformada em um rico ambiente alfabetizador onde a escrita esteja estampada (seja em cartazes, rótulos, textos...) e possa ser manipulada e produzida pelos alunos. Dessa forma, as cartilhas e livros didáticos deixam de ser o único instrumento alfabetizador, dessacralizando-se; o papel do professor nessa perspectiva é de interlocutor dos alunos. Por estar ciente dos diferentes níveis pelos quais os seus alunos passam, terá de formular outros meios para avaliá-los (diferentes dos tradicionais que rotulam e discriminam); as expressões certo e errado são suprimidas, uma vez que se aceita a existência dos chamados "erros construtivos".

A proposta Construtivista tem claro os objetivos a serem alcançados através da alfabetização. São eles (segundo Emília Ferreiro):

- . "Compreensão do modo de representação da linguagem que corresponde ao sistema alfabético de escrita;
- . Compreensão das funções sociais da escrita;
- . Leitura compreensiva de textos que correspondem a diferentes registros da língua escrita (textos narrativos, cartas, listas...); enfatizando a leitura silenciosa mais que a oralidade convencional;
- . Produção de textos respeitando os modo de organização da língua escrita que correspondem a esses diferentes registros;
- . Atitude de curiosidade e falta de medo diante da língua escrita (não há preocupação imediata com a correção ortográfica)".

A alfabetização como construção constitui um conceito inovador na Educação. Pela primeira vez compreende-se que a criança percorre os mesmos caminhos percorridos pela humanidade na aquisição da língua escrita.

A escrita, na Proposta Construtivista é concebida como sistema de representação e não de codificação. Por diversos séculos acreditou-se que, uma vez construída, a escrita seria apreendida pelos novos usuários como sistema de codificação. O construtivismo vem comprovar que não. Porém, não se trata de dizer que as crianças reinventam as letras, mas sim que, gradativamente vão compreendendo seu processo e suas regras de produção. Há evidências que indicam que as crianças formulam conceitualizações que não lhes são transmitidas pelo meio nem por outros indivíduos alfabetizados. Um exemplo disso: as crianças acreditam que é necessário uma quantidade mínima de caracteres (em geral três) para que algo seja escrito.

Segundo Emília Ferreiro, é possível

"Falar em sentido estrito de construção, usando este termo como Piaget usou quando falou da construção do real na criança, ou seja, o real existe fora do sujeito, no entanto, é preciso reconstruí-lo para conquistá-lo ... Assim é com a escrita têm que reconstruí-la para poderem apropriar-se dela... construção implica reconstrução".

Nessa nova visão a escrita infantil é concebida não somente pela produção de marcas gráficas, mas principalmente pelas interpretações atribuídas às mesmas. A escrita das crianças passa, então, a ser analisada não de um posicionamento simplista, apegado aos aspectos formais, mas através do conjunto de itens que se seguem:

- a) Condições de produção
- b) Intenção do produtor
- c) Processo de produção
- d) Produto
- e) Interpretação que o produtor dá ao produto

CAPÍTULO III

EM CENA O EDUCANDO

A Proposta Construtivista vem resgatar, no processo de aquisição da língua escrita, a figura do educando. O eixo de suas investigações recai sobre "o que se aprende". Assim, é impossível investigar sobre "o que se aprende" sem considerar "aquele que aprende".

Durante muito tempo a criança ficou relegada a segundo plano. Os conhecimentos que trazia, antes mesmo de qualquer escolarização; a sua lógica de aprendizagem; as hipóteses que formulava; sua relação com o lúdico. A ênfase recaía sempre em aspectos exteriores a ela: nos métodos, nas técnicas, no conhecimento e experiência do professor, na frieza das cartilhas e livros didáticos (contendo, na maioria das vezes, textos e palavras alheios à realidade da criança). O resultado: índices vergonhosos e absurdos de evasão e repetência; discriminação: os que têm a oportunidade de terem contato com a língua escrita em contexto extra-escolar, avançam, os que não ...

Ana Smolka bem define isso:

"Na época do ingresso na escola, as crianças vivem geralmente sob rígidas e austeras condições de ensino, onde as atividades são as menos variadas possíveis, porque tudo o mais é interrompido e suspenso em prol do ensino da leitura e da escrita. As atenções se concentram na escrita como uma complicada habilidade motora a ser desenvolvida, e as preocupações se encontram voltadas para os 'pré-requisitos' da alfabetização, apoiando-se nas noções de 'maturidade' e na aquisição dos 'mecanismos' de base como coordenação motora, lateralidade e outros. Além disso, em salas desnudas e superpo-

pulosas, com imposição de silêncio e imobilidade ... onde parece não haver as mínimas condições de espaço, de tempo e de ampliação de conhecimentos".

Foram os adultos que dificultaram o processo de alfabetização das crianças, pois, elas são facilmente alfabetizáveis.

A Proposta Construtivista, entendendo, o processo de apropriação da escrita como um processo de construção por parte da criança, procura valorizá-la, colocá-la "em cena" quando: restitui à língua escrita seu caráter de objeto social e não meramente escolar; aceita que, desde o início (inclusive na pré-escola), todos podem produzir e interpretar escrita cada qual em seu nível, não somente o professor; permite e estimula que as crianças tenham interação com a língua escrita nos mais variados contextos; permite o acesso o quanto antes da escrita do nome (por ser ele o elo mais forte de identificação da criança, enquanto indivíduo e uma das primeiras escritas cheia de significado); não supervaloriza a criança, deixando o processo educacional cair em um "espontaneísmo" perigoso, nem tampouco a subvaloriza aceitando somente o convencional em detrimento do que ela produz; não cobra de imediato a correção gráfica e ortográfica, compreendendo que os erros fazem parte do processo e estes devem ser interpretados pelo professor.

A seguir, breves colocações acerca das investigações construtivistas das hipóteses formuladas pelas crianças. Não se pretende um detalhamento das informações, visto a quantidade e qualidade das mesmas. A intenção, é tão somente, registrar os avanços feitos por essas pesquisas. Ao se falar em Construtivismo, seria incoerente não ilustrar o trabalho com a riqueza e profundidade dessas informações, que possibilitaram uma maior compreensão da maneira como o educando aprende e consequentemente dele próprio:

Inicialmente, do ponto de vista gráfico, a escrita infantil aparece como linhas onduladas ou quebradas (zigzague), contínuas ou fragmentadas ou como uma série de elementos discretos repetidos (séries de bolinhas ou linhas verticais). Uma interpretação construtivista procurará compreender o que a criança quis representar e os meios que ela utilizou para criar diferenciações entre as representações. Uma interpretação tradicional apenas rotula essas escritas como meras "garatujas". Associam as letras a nomes conhecidos. Daí a importância do nome próprio. Os subs-

tantivos, sobretudo, os nomes próprios, são o protótipo do que está escrito, as outras classes de palavras (artigos, adjetivos, etc) são facilmente descartadas por elas.

As investigações construtivistas demonstram que a escrita infantil segue uma linha de evolução regular. Evidencia-se que a ligação entre a linguagem impressa e a oral, não é imediatamente percebida pela criança. Até atingirem esse conhecimento, as crianças atravessam períodos que são ordenados evolutivamente e não de maneira individual e aleatória. Três grandes períodos são distinguidos, podendo ser subdivididos de maneiras diversas.

1º Período:

A criança distingue o modo de representação icônico do não-icônico. Ela distingue o desenho da escrita. O desenho representa a forma dos objetos, já a escrita representará o nome dos objetos (hipótese do nome). Na alfabetização, essa distinção - desenho/escrita - é importantíssima. Entende-se como escrita uma ligação entre um determinado significado e sua produção ou quando a criança utiliza o termo como tal (costumam usar expressões como "fazer letras" que difere de "escrever"). Nesse momento as crianças podem produzir pseudolettras.

2º Período:

A criança construirá formas de diferenciação entre as escritas para dizer coisas diferentes. Há um controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativos e quantitativos.

a) Diferenciação quantitativa intra-relacional:

Hipótese da quantidade mínima ; ou seja, a criança aceita como algo escrito, somente, as sequências gráficas que contenham, em geral, no mínimo três caracteres.

b) Diferenciação quantitativa inter-relacional (não-sistemática):

Quantidade de letras que um texto deve ter com respeito a um ponto referencial externo não-estável. Por exemplo, a criança poderá supor que o seu nome contenha menos letras do que o de sua mãe, pois, ela é pequena e sua mãe grande.

c) Diferenciação quantitativa inter-relacional (sistemática):

Quantidade de letras que um texto deve ter em relação a um marco referencial externo considerado como fixo (tantas letras quantas forem as sílabas ou quantos forem os fonemas). Relacionamento entre o sonoro e o gráfico. Por exemplo, uma criança nessa hipótese poderá perfeitamente escrever a palavra 'cavalo' com apenas três letras.

d) Diferenciação qualitativa intra-relacional:

Para que algo esteja escrito não pode haver repetições de letras no interior da sequência gráfica.

e) Diferenciação qualitativa inter-relacional (não-sistemática):

Para que hajam interpretações diferentes deve haver uma diferença objetiva nos textos. Por exemplo, um texto não pode conter as mesmas letras, na mesma ordem, que um outro.

f) Diferenciação qualitativa inter-relacional (sistemática):

Propriedade de determinar quais letras, e em que ordem, compõem um nome escrito, com relação a uma estrutura referencial fixa.

3º Período:

Fonetização da escrita. A criança inicia com um período silábico até atingir o alfabético. Ela começa descobrindo que, a quantidade de letras que utilizará, para escrever uma palavra tem correspondência com a quantidade de partes emitidas oralmente. Ingressa no último estágio para a compreensão da representação alfabética, quando descobre que ela pode ser desmembrada em unidades menores.

Resumindo, Emília Ferreiro enuncia que:

"A criança constrói vários modos de representação alheios a qualquer busca de correspondência entre a pauta sonora de uma emissão e a escrita; depois, modos de representação silábicos (com ou sem valor convencional) e modos de representação silábico-alfabéticos que precedem regularmente a aparição da escrita regida pelos princípios alfabéticos".

lerá ao resgate do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita ao resgate da sua dignidade enquanto profissional e ao resgate do seu aluno.

É inegável que novas concepções acerca da alfabetização trazidas pelo construtivismo exigem uma reestruturação completa do relacionamento professor-aluno. O professor, precisará observar, acompanhar cada aluno a fim de saber identificar em quais níveis se encontram. Terá de promover atividades em que os alunos cooperem entre si trocando, cada qual em seu nível, informações que permitirão o desenvolvimento coletivo. Precisarás estar sensível e apto a interpretar as produções dos mesmos, evitando cair na tragédia do "certo e errado". Sendo capaz de compreender porquê e para quê tais produções foram realizadas. Precisarás dispor de uma dose sem medida de criatividade e perspicácia.

As virtudes do ouvir, ser paciente e observador deverão constar do seu dia-a-dia em sala de aula. O abandono de uma postura ditadora, controladora a uma postura de diálogo de que o outro (mesmo que em seu nível) conhece também é indispensável ao relacionamento.

Nessa altura do campeonato, o professor precisará estar bem consciente de sua escolha profissional, precisará ter respostas (ou se não as tiver, estar em busca): O que estou fazendo aqui? Qual o meu papel? O que represento na vida dessas tantas crianças? Precisarás estar disposto a alargar sua visão sobre a alfabetização compreendendo que, ao abrir espaços para a livre construção do conhecimento, ele estará abrindo espaço para que inúmeras crianças aprendam a discutir, a dialogar, a trocar, a respeitar, a valorizar o momento do outro (e isso é libertação). Estará formando um SER HUMANO. E quando, talvez, for interpelado por perguntas como as que fazia Piaget: "Que tipo de homem queres formar?/Que tipo de homem estais formando?", poderá responder: Um ser que participa, atua, dialoga, ouve, respeita, enfim um ser livre.

Para ilustrar a importância do papel do educador na formação da criança relato a experiência de uma pessoa adulta. Este relato dispensa comentários:

R.R.T., uma menina de 8 anos, cursando a 1ª série do primário, estudava em uma turma em que a professora dividia os alunos por conceito (A, B, C, D e E).

R.R.T. era uma criança muito tímida, porém boa aluna, pois seus conceitos eram: A e B (ótimo e bom), mas como esta professora fazia questão em não respeitar as diferenças individuais de seus alunos, colocou esta criança na fila do conceito E, a qual chamava de FILA DO LIXO.

R.R.T., não entendia o que estava acontecendo, pois suas notas eram boas e isso não justificava estar no grupo E. Sentia-se muito mal, queria estar junto com seus amigos, mas foi discriminada, pois para esta professora, uma criança tímida é um "SER DIFERENTE", que merece ser discriminado. Toda vez que a turma do E abria a boca, a professora os mandava calarem-se e dizia que o LIXO ESTAVA CHEIRANDO MAL. R.R.T. que já era tímida, ficava muito mais retraída, sentia-se envergonhada e muito discriminada.

Hoje, já adulta, R.R.T. é uma pessoa calada, que sempre procura ficar à margem (como antes) e que frequentemente procura evitar integrar-se, com o receio de ser novamente rejeitada.

Ela ainda vive no passado, com os traumas deixados por esta professora que se dizia uma PROFISSIONAL, mas que não tinha a sensibilidade de respeitar a pessoa como um ser humano.

CAPÍTULO V

EM CENA A ESCOLA

Assim como o educador precisa reestruturar sua prática alfabetizadora, a escola (enquanto instituição) também. Segundo Ana Smolka:

"A escrita sem função explícita na escola, perde o sentido; não suscita, e até faz desaparecer o desejo de ler e escrever. A escrita, na escola, não serve para coisa alguma a não ser ela mesma. Evidencia-se uma redundância. alfabetizar para ensinar a ler e a escrever ... Nessa situação de redução e restrição da escrita, o que as crianças apreendem é muito claro, segundo depoimentos de várias delas:

- Por quê você vem a escola?
- Para aprender a ler e a escrever.
- Mas para que você vai aprender a ler e a escrever?
- Para tirar boa nota.
- Para não ficar burro.
- Para passar de ano.
- Para não precisar pegar no serviço pesado quando crescer".

As crianças, desde que nascem, estão construindo suas noções sobre o mundo, estão em busca de compreendê-lo. O mesmo fazem em relação a alfabetização. Portanto, a escola não pode ser um obstáculo ao aprendizado infantil. Fora dos limites da escola ela está em contato, diariamente, com variadas informações sobre a língua em diferentes textos escritos de formas diversas (rótulos, placas, revistas, etc). Fora da escola ela pensa, infere, formula hipóteses livremente. Sendo que, num esforço de compreensão, essas informações vão-se contextualizando

("a letra do nome da mamãe", "a letra do cigarro do papai", etc). A escola não deve e não pode descontextualizar o ensino da língua, limitá-lo a um único texto.

A escola tem oferecido muito pouco espaço para uma prática educacional nos moldes da Proposta Construtivista. Ela não pode mais negar às crianças a livre construção do seu conhecimento. Há que se promover uma revolução no contexto escolar, onde não somente a teoria, mas a prática seja transformada em uma autêntica prática construtivista, com todas as implicações: liberdade para o professor exercer sua atividade, criatividade, sem um "espontaneísmo" descompromissado, uma nova visão da língua escrita, etc.

A escola primária deve transformar suas salas de aula em ricos ambientes alfabetizadores. Deve-se transformar em um espaço onde todos (cada um em seu nível) são valorizados e respeitados. Deve-se transformar em um espaço comum, mais democrático. A criança precisa construir e reconstruir este ambiente, inserindo aí escritas reconhecidas e utilizadas em seu dia-a-dia.

A escola não pode mais continuar sustentando a caótica situação a que relegou a alfabetização. A alfabetização tem sido um empreendimento de alto risco:

"Numa surda situação de simulacro - em que os professores desconfiam das crianças e dos pais; os pais não confiam nos próprios filhos nem os professores; as crianças aprendem a não confiar em si mesmas nem nos adultos -, as relações interpessoais vão sendo camufladas, interrompidas e ninguém parece questionar as condições ou duvidar dos métodos: a escola se mantém enquanto as crianças se evadem" (Ana Smolka)

Segundo Emília Ferreiro:

"Na medida em que a escola primária continuar expulsando grupos consideráveis de crianças que não consegue alfabetizar, continuará reproduzindo o analfabetismo dos adultos".

CONCLUSÃO

As elevadas taxas de repêntia e evasão da América Latina (essas taxas se concentram nas primeiras séries), são as provas mais cruéis de que o processo de alfabetização precisa ser repensado e reestruturado. Quanto mais se adiar a mudança desse quadro, tanto mais se estará gerando o analfabetismo adulto.

A Proposta Construtivista, trouxe profundas mudanças conceituais, quando conseguiu comprovar que o processo de alfabetização nada tem de mecânico. Ao invés disso, constitui-se em um processo dinâmico onde o educando constrói seu próprio sistema interpretativo da escrita. Essa mudança conceitual acaba trazendo sensíveis modificações estruturais na escola primária e na prática do educador. Aposta que é muito mais fácil introduzir a língua escrita às crianças pequenas do que restituir a confiança a um multirrepente.

O Construtivismo impõe a que se adote uma nova atitude diante da criança: trata-la como indivíduo com algo a oferecer à comunidade, a fim de que se torne um adulto mais útil; permitir-lhe "aprender a aprender" e não oferecer-lhe tudo pronto; permitir-lhe pensar, tomar decisões, colaborar com os outros. Dessa forma, a alfabetização se transformara em uma prática que humanize, que liberte.

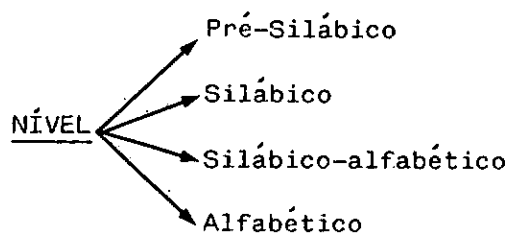
Todas as argumentações feitas até aqui podem ser resumidas e finalizadas na frase de Paulo Freire:

"A ALFABETIZAÇÃO SÓ PODE SER COMPREENDIDA COMO FORMA QUE PARTE DO HOMEM PARA REDIMENSIONÁ-LO NUMA TOTAL HUMANIZAÇÃO"

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, Maria A. Versiani. Didática Fundamentada na Teoria de Piaget - A nova metodologia que veio revolucionar o ensino. São Paulo, Forense Universitária, 1986.
- FERREIRO, Emília. Com todas as letras. São Paulo, Cortez Editora, 1993.
- FERREIRO, Emília. Alfabetização em Processo. São Paulo, Cortez Editora, 1993.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo, Cortez Editora, 1993.
- LAGÔA, Ana. Dez anos de Construtivismo no Brasil. NOVA ESCOLA. Rio de Janeiro: Abril; V.6, nº 48, p. 10 - 18, Maio, 1991.
- LEAL, Antonio. Fala Maria Favela.
- SMOLKA, Ana L. Bustamante. A criança na fase inicial da escrita - A Alfabetização como processo discursivo. São Paulo, Cortez Editora, 1988.
- UNI-RIO Universidade do Rio de Janeiro. Plano Universidade sem fronteiras: Centros Integrados de divulgação e pesquisa. Rio de Janeiro, nº 3, 1991/1992. 21p. (Projeto).
- UNI-RIO Universidade do Rio de Janeiro. Plano Universidade sem fronteiras: Centros Integrados de divulgação e pesquisa. Rio de Janeiro, nº 4, 1991/1992. 20p. (Projeto).

Para efeito didático, esses períodos foram expressos por meio dos chamados níveis/hipóteses de aprendizagem e foram condensados da seguinte maneira:



Após percorrerem todas esses períodos/hipóteses a criança ainda se depara com as dificuldades ortográficas: dúvidas de pontuação, acentuação, uso de maiúsculas, minúsculas, falta de clareza quanto aos limites das palavras, a separação das sílabas no final das linhas, etc. Daí a preocupação da Proposta Construtivista em pôr a criança em contato com os diversos tipos de textos, criando um ambiente alfabetizador rico; pois, entende que para assumir a escrita ortográfica é preciso ter muito contato com a língua escrita.

Conhecer e valorizar os diferentes níveis e processos pelos quais a criança atravessa na aquisição da escrita é primordial para a construção de uma alfabetização libertadora que, considera o educando como sujeito de sua própria aprendizagem.

A Proposta Construtivista restaurou a visão estereotipada que se tinha do educando, possibilitou o início de uma série de discussões acerca de sua aprendizagem, considerando-o como um ser livre e autônomo para construir seu conhecimento, necessitando apenas de adultos conscientes que lhe permita trilhar a alfabetização, em um ambiente que promova a discussão, a troca, o diálogo, a liberdade de expressão.

CAPÍTULO IV

EM CENA O EDUCADOR

A visão mecânica que se tinha da alfabetização levou o professor alfabetizador a acreditar que a alfabetização terminava e começava nas quatro paredes da sala de aula (antes do aluno ingressar na escola ele nada conhecia acerca da escrita e só poderia fazê-lo após sair dela). Bastava-lhe aplicar o método adequado, lançar mão dos "instrumentos mágicos": cartilhas e livros didáticos que, conseguiria, controlar o processo de aprendizagem com êxito. As enormes taxas de evasão e repetência confirmaram década após década que não.

O professor alfabetizador, apegado que estava às práticas tradicionais e obsoletas foi-se desprofissionalizando (salvo as exceções). Nas escolas públicas, deparou-se com a falta de recursos humanos, turmas superpopulosas, salários não compatíveis com a responsabilidade que carregava, etc. Nas escolas particulares, a obrigação de estar sujeito às regras impostas pela direção, pelos pais, etc. Em ambos os casos buscou como saída métodos e técnicas que adstrassem, mecanizassem. "Delegou" às cartilhas e livros didáticos a sua atuação, o seu papel de mediador entre o objeto de ensino (a língua escrita) e o educando. Escravizou ao invés de libertar. Impôs rótulos ("certo", "errado", "mais inteligente", "menos inteligente") ao invés de respeitar as peculiaridades de cada um. Transformou (não somente ele) o ensino da língua em ensino de um mero sistema de codificação e não de representação. Dissociou-o da realidade da criança, do contexto social e enquadrou-o num emaranhado de palavras frias, sem sentido, sem valor para ela. Mesmo por que, nenhuma das metodologias ofereceram instrumentos a ele para que soubesse ler, interpretar as produções infantis, sem desqualificá-las.

É preciso concordar com Emília Ferreiro:

"O professor alfabetizador está muito só: em vez de ser considerado como o professor mais importante de toda a escola primária é considerado como aquele que realiza o trabalho menos técnico e que qualquer outro poderia fazer".

A proposta construtivista vê com seriedade e coerência o papel do professor alfabetizador. Não delega a ele o fardo do "ensinar a ler e a escrever"; de ser o único a ter conhecimento na sala de aula (como supunha a visão tradicional), mas respeita sua atuação como aquele que será o interlocutor dos alunos, sistematizador, informante.

Compreende que o professor alfabetizador deve ter clareza das hipóteses formuladas pela criança e ainda dominar a estrutura da língua escrita, a fim de, oferecer uma didática que será construída na observação, registro e reflexão sobre a prática-teoria-prática. Mas, a prática demonstra que; como usuários da língua: "Lêem pouco, escrevem menos e estão mal alfabetizados para abordar a diversidade de estilos da língua escrita".

A proposta construtivista com bastante lucidez aponta como solução a reprofissionalização desses professores, sua "realfabetização". As implicações práticas dessa questão de capacitação são inúmeras. Saída viável, seria permitir ao educador pôr em crise as concepções anteriores que trazia acerca do ensino da língua no próprio contato com as crianças. Seria uma oportunidade de analisar dia-a-dia sua prática educacional. Oferecer-lhe materiais que facilitem as ações alfabetizadoras. Esses materiais não funcionariam como manuais, receitas prontas, seriam apenas subsídios, sugestões, por meio dos quais, poderiam ser gerados outros e outros. Seriam: materiais destinados ao professor, para seu embasamento teórico. Para serem lidos pelos alunos, numa possível "área de leitura" (jornais, bulas, textos, etc.). A escola não pode ter um único texto a oferecer a seus alunos, pois, muitas das vezes este é o único ambiente alfabetizador no qual convivem. Materiais para alfabetizarem.

A adesão do professor alfabetizador a uma atitude construtivista equiva-